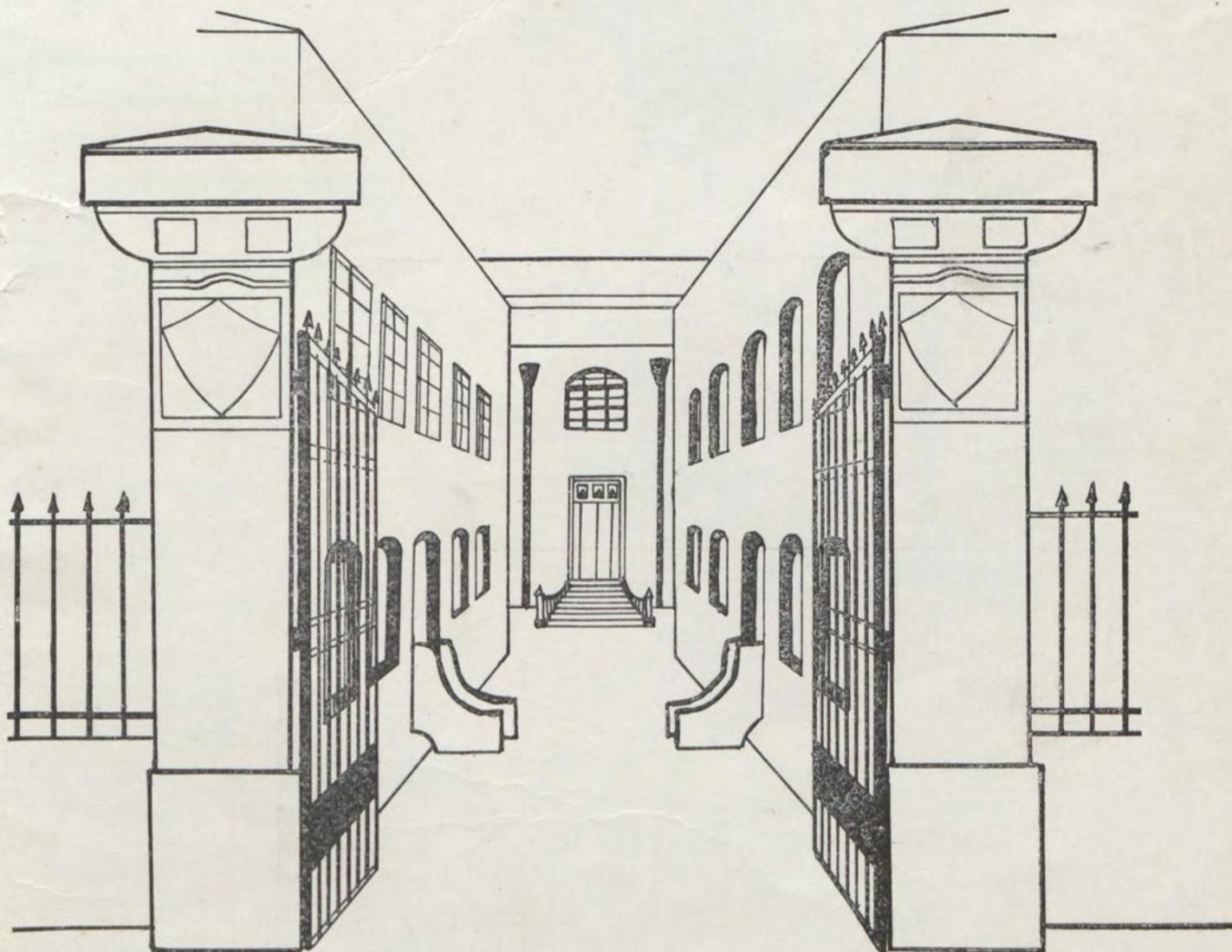


INSTITUTO TÉCNICO MILITAR
DOS
PUPLOS DO EXÉRCITO

FINALISTAS

*Auto-revisão do Desenho de Silva
21-11-78/60*



MAIO 66

Venâncio Jacinto da Silva Aguincha

Aluno n.º 1

E' o último da familia
Que passa pelo Pilão
Não vás!... fica mais um dia
Pois deixas recordação.

Oriundo do Colégio
Veio e saiu do Pilão
Mas teve azar foi «caçado»
O castigo? .. «separação».

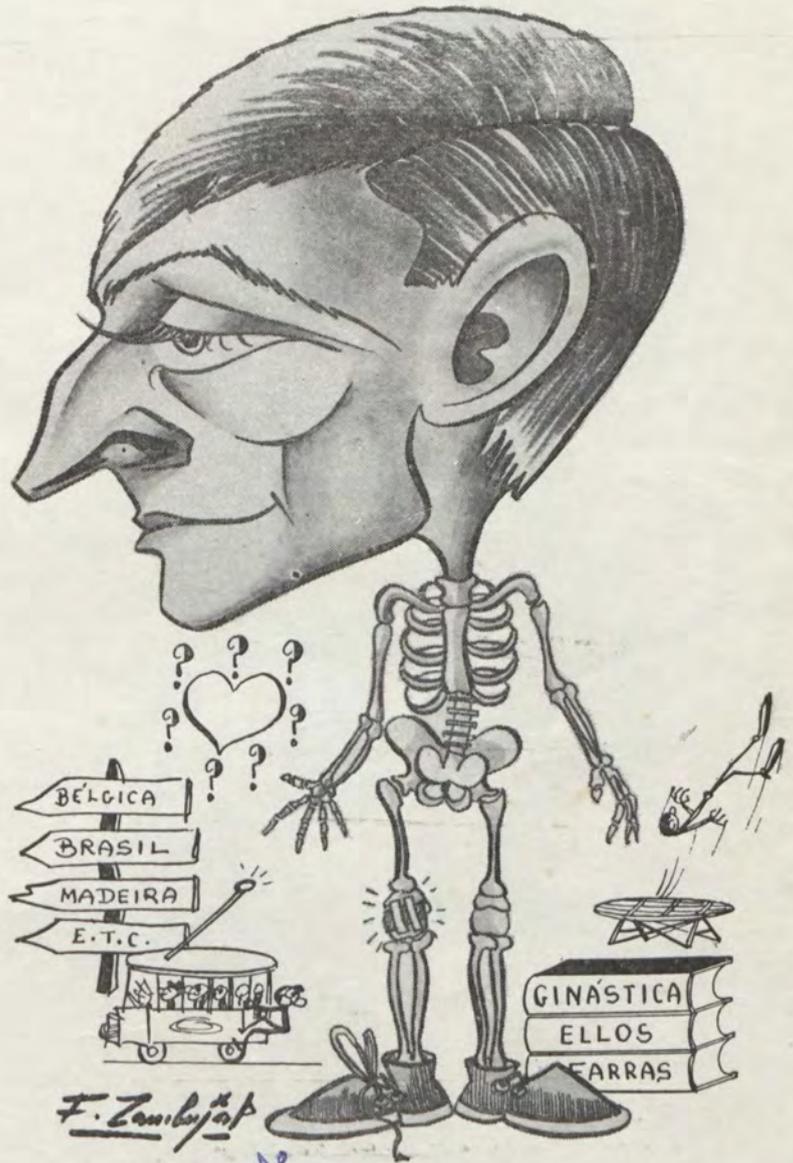
Não vendo a formatura
Tomou uma resolução
Meteu-se num carro eléctrico
Para ir p'ra segunda secção.

Tem um pé delicadissimo
Mas com ele é que eu não brinco
Tanto em botas como sapatos
Calça o quarenta e cinco.

Desde cedo começou
Com o negócio banal
Pois os «Ellos» da sua firma
São bons e não fazem mal.

Foi o primeiro na ginástica
O estrangeiro visitou
Com o «duplo» na cama elástica
O público conquistou.

Pertence à seita dos «AYOYAS»
Ele é mesmo o comandante
Vai-se embora mas deixará
Um digno representante.



Despede-te em salto mortal
Desta malta mais velhota
E para os mais miúdos
Basta mesmo uma cambalhota.

*Desfanda que termines o teu tudo
urso e que consigas alcançar tudo
que mais desejás são os votos
este teu amigo que
abraça na
pedida
Venâncio Jacinto da Silva Aguincha*

Fernando Nuno Afonso Romão

Aluno n.º 17

*Com amizade
Ao amigo 93.
Romão*

Não somos nenhuns poetas
De quem se possa falar
Mas vamos de boa vontade
A história deste contar.

Sempre a rir e a brincar
Este ginasta afamado
Por ao estudo se aplicar
Vai agora sair formado.

À ginástica se dedicou
Com todo o esmero e vontade
Agora tudo acabou
Vai sentir muita saudade.

Com o físico que possui
Mostra-se bastante sensato
E' conhecido na especial
Pelo Romão o mais «taco».

Tem um ligeiro defeito
Que não tem nada de mal
Só ele é que sabe e tem jeito
Só ele é o tipo ideal.

Pequeno amigo da «malta»
Por nós é muito estimado
Em Odivelas faz falta
Pois foi lá que foi amado.



Foste infeliz no duelo
Deixa lá não te aborreças
Bem sabes que os amores
São sempre um quebra-cabeças.

A vida que vais começar
E' bela não tenhas medo
Despede-te a sorrir
Do Nogueira e do Azevedo.

Luis da Conceição Almeida Rocha

Aluno n.º 41

Luis Rocha
d. n.º = 4/58

Atenção às câmaras portanto
Nos estúdios muita atenção
Corta, corta que entretanto
E' a vez do Conceição.

Ao Pilão veio parar
Não sei como nem donde
E' um filmaça a considerar
Melhor que o «James Bond».

Banhando-se um dia na praia
Para história já preparada
Uma onda levou-lhe os calções
E a filmagem foi cortada.

Com o «amor» tentou brincar
E viu-se um pouco atrapalhado
Acabou por reparar
Que era novo para ser casado.

Sempre pronto a alinhar
Como comandante de pelotão
Conseguia assim livrar
Os graduados do Batalhão.

Cançonetista afamado
Em apreciações não só minhas
E's terrível, és tramado
Oh! Almeida Cacholinhas.

Miúdas para a Associação?
Diz o «cacholas» que ainda goza
Isso nunca há azar
Porque eu levo sempre uma grosa.

Por fim à espera da grosa
E nem sequer uma levou
O nosso amigo «cacholas»
Grande barrete nos enfiou.



FERNANDO RODRIGUES AMARO

Aluno n.º 42

Fernando Amaro
n.º 42

A uma grande velocidade
E's projectado daqui
Creio bem que a M. G.
Não é carro para ti.

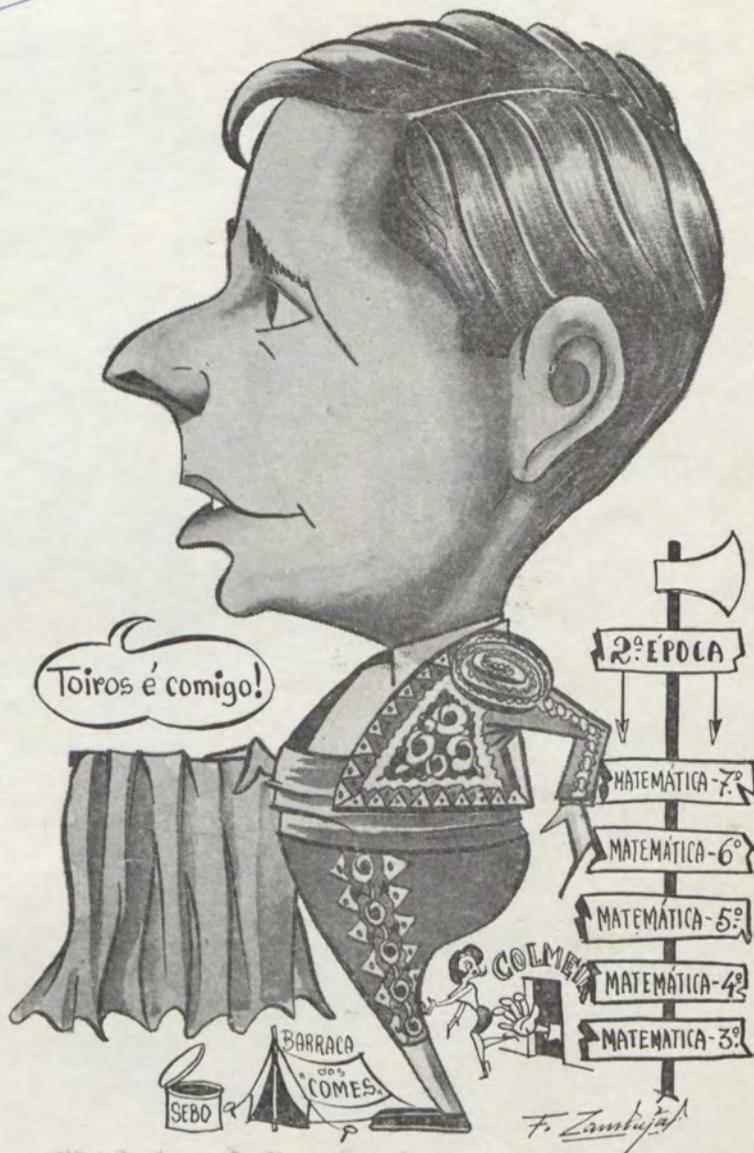
Não quero que este pensar
Te faça mudar de ideias
Mas é sem nos avisar
Que o diabo tece as teias.

Escolheste a contabilidade
Para curso e formação
Mas no fundo! Na realidade
Toureiro é a tua vocação.

A «malta» ainda gostaria
De gritar duma só vez
Anda Amaro... Chicuelina
E's melhor que o «Cordobez».

O teu móvel «Zé Bolinhas»
Prima sim pela limpeza
Cheio de frascos e frasquinhos
Com produtos de beleza.

Além disso é também
Uma farmácia ambulante
Mas com os «comes» que trazes
Fazes dele um restaurante.



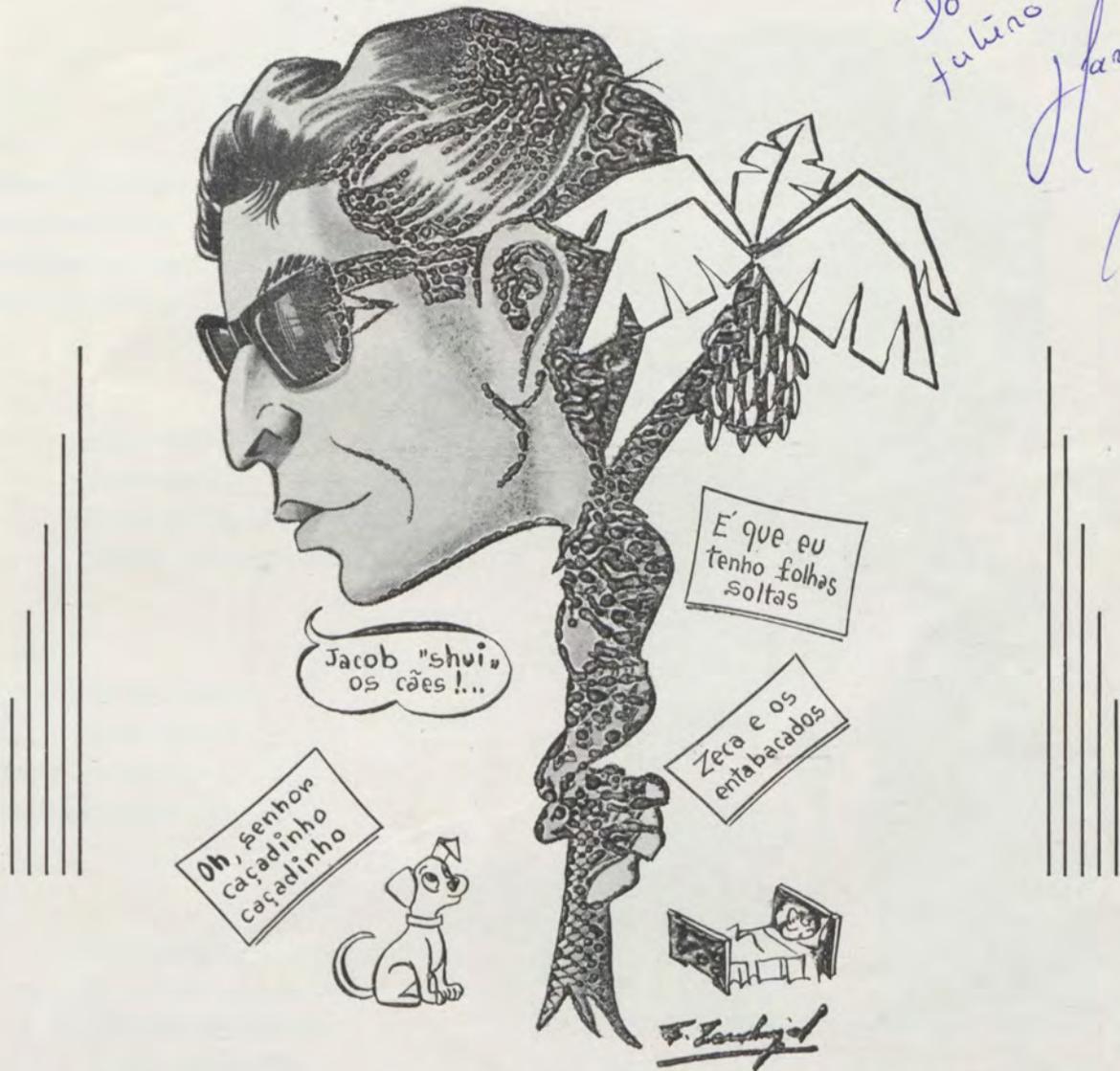
Uma curiosa particularidade
Que há cinco anos põe em prática
Fazer sempre em segunda época
A discutida Matemática.

Chegou a hora d'abalada
Não só a ti mas aos dois
Lembra-te da rapaziada
Um abraço... até depois.

JOSÉ MARIA PINTO JACOB

Aluno n.º 43

Do Técnico de contos ao
Tulino Técnico
José Maria Jacob
21.43/56



Já velho e cansado
Careca e curvado
Enfim acabou
E também
O mais esperto entre cem
Sempre se julgou
Mas sabe-se afinal
Que por bem ou por mal
O Pilão passou a rir
Estou enganado
Pois o Jacob ensonado
Só sabia dormir
Era nas aulas

Nas camaratas
Estudos e formaturas
Ressonava bem alto
E a sono solto
Sonhava aventuras
Mais tarde surgiu
Sua nobre paixão
E nesse dia o Jacob
Não dormiu à refeição
Não quero aqui contar
A velha história do embate
Senão o Ismael ainda me bate
Certo dia no acampamento

O Jacob decidiu fugir
Mas os «cães» em regimento
Não o queriam permitir
Tornou-se cantor afamado
Com a marcha do Benfica
Nas anedotas bem classificado
Com as farras do Malpica
Adeus amigo Jacob
Com a crítica tem paciência
Só desejo que não vás só
Para os serviços da Intendência.

António Luvier Valente da Fonseca

Aluno n.º 44

Do teu amigo
que te despede
de uma
44/58

De Mértola é oriundo
A Aveiro foi parar
Finalmente no Pilão
Acabou por se instalar.

Rapaz muito viajado
A Salamanca voltou
Falou-nos da célebre recta
Que em curva se transformou.

Nos desportos um falhado
Mas na especial brilhou
Até neste último ano
Cama elástica praticou.

Foi sempre bem comportado
Só uma vez é que não
Foi por ter cabulado
Parar à separação.

Velha, Auf ou Trocato
Alcunhas que ele tem tido
Também por sardinha assada
Este homem é conhecido.

Só por ter um grande azar
A electrónica tirou
Foi um célebre capricho
Que o futuro lhe estragou.

Agora que vais partir
Não esqueças a malta amiga
E vem cá passar uma hora
Que te não sirva na vida.

Finalmente para pôr termo
A toda esta brincadeira
Despede-te com um abraço
Do teu amigo Nogueira.



José Manuel Gomes da Silva

Aluno n.º 58

Jose Manuel Gomes da Silva
1975

Chegou o cinquenta e oito
Que vai dizer uma piada
E a malta com satisfação
Ri mas ri à gargalhada.

E' um autêntico paz d'alma
Não gosta da confusão
Tem a mania o amigo Silva
De o barrete trazer na mão.

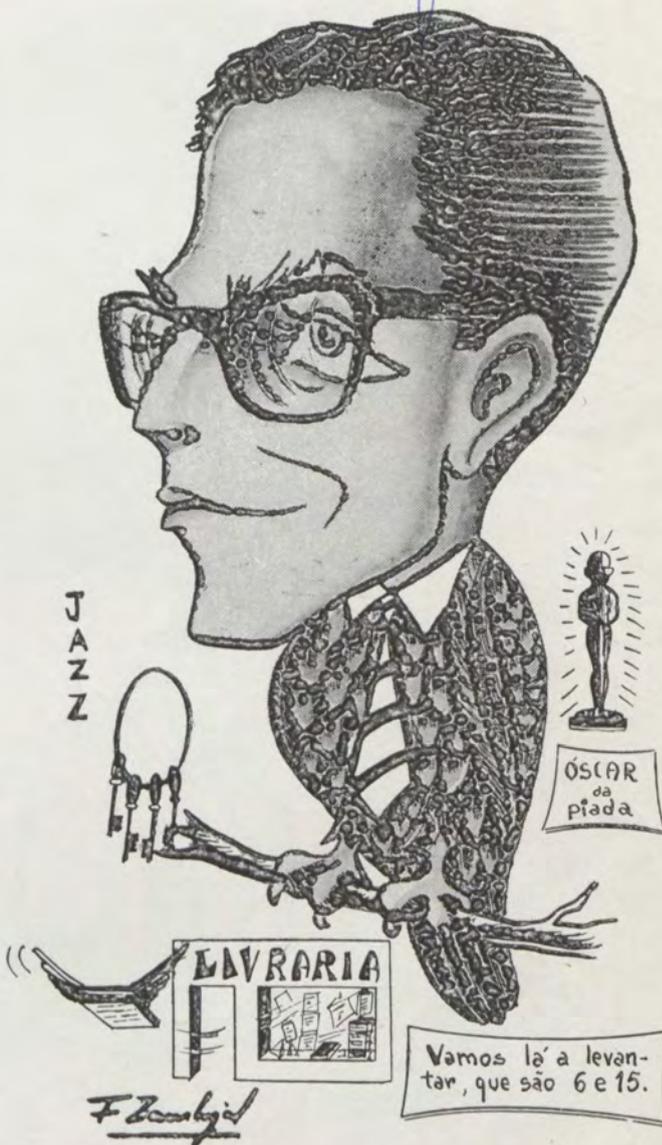
«Mocho» é a mais conhecida
Alcunha por que é tratado
Nos desportos não falemos
E' em tudo um falhado.

De manhã sempre que acorda
Não tem nada que fazer
Dá umas voltas ao salão
Com o pretexto de se entreter.

De ginástica nada sabe
Já deviam calcular
Mas faz o salto em T
Sem nos plintos tocar.

Entra em todas as livrarias
Sem que ninguém o mande
Já tem umas belas aquisições
Da «Portugália» e da «Bertrand».

Entrava numa pastelaria
Devidamente fardado
Mas quando depois saía
Já ia camuflado.



Não leves nada a mal
Pois é tudo uma brincadeira
Abraçam-te na saída
Nelson, Rosa e Nogueira.

Nelson — 326
Rosa — 258
Nogueira — 244

Francisco de Jesus Sêrvulo Amaral

Aluno n.º 59

Cavalo de ferro pára
No Far-West: Esp'rança
Não há índios, coisa rara
Embora, Amaral avança.

Trazes tudo na bagagem
Coldres, pistolas, blusão?
Nove luas p'rá viagem
«Não haja repetição».

De reportório vastíssimo
Dos nossos «shows» da canção
P'lo ouvido apuradíssimo
Júri foi... de aberração.

Sua vida de Pilão
Foi segura e mui pacata
Onde jogos há sensação
Mesmo com bolas de lata.

Tua cor verde de esperança
É o teu signo de leão
Dão-te já com segurança
Em Alvalade habitação.

Nos últimos anos do curso
Com a «coisa» assegurada
Não fizeste mais do que ler
Os livros de «cowboyada».

Pelas leituras de cordeli
Não desceste em «apeacêros»
Só estudando a graneli
Chegamos a «brigaderos».

Vamos por fim abalari
Os oito pela mesma linha
Ninguém se quer assomari
A esta máquina velhinha?



Francisco de Jesus Sêrvulo Amaral
Aluno 59

Victor Manuel Fernandes Murta

Aluno n.º 65

Victor Manuel Fernandes Murta

Ao entrar no Instituto
Este nosso aldeão
Vira-se p'ró Rolhas e diz:
— E' aqui que é o Pilão?

Na ginástica era azelha
Mas no futebol um «ás»
Vê lá não dês muitas «biscas»
Tem cuidado meu rapaz.

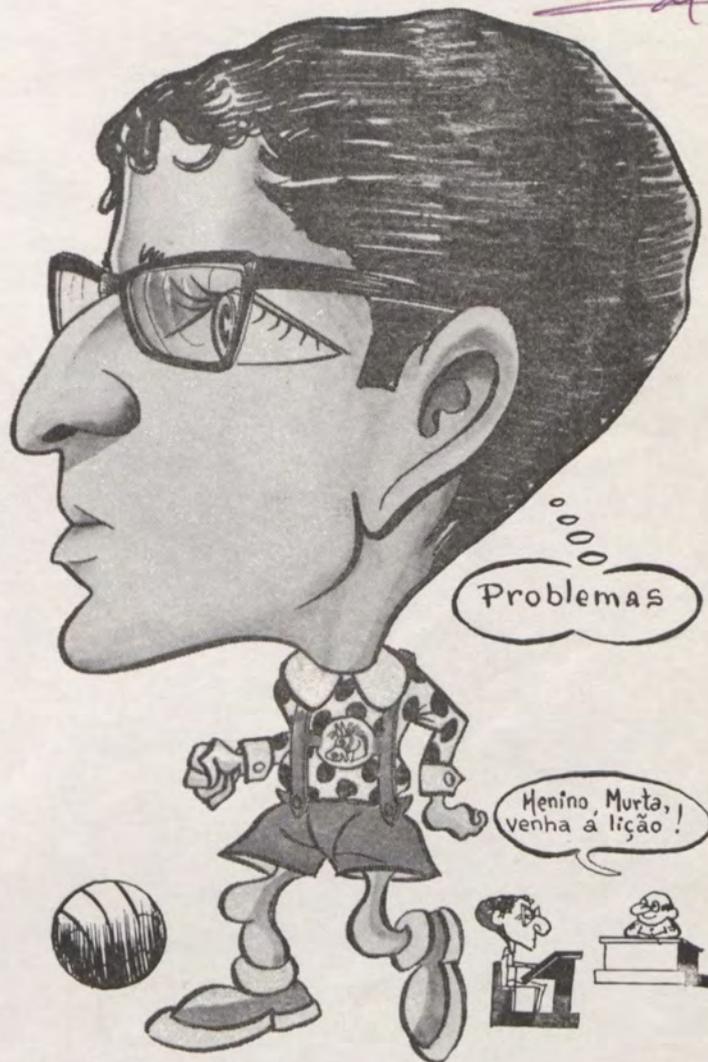
De «Pira» foi alcunhado
Quando p'ró Pilão entrou
Muito santinho e calado
Da «separação» se esquivou.

Nunca pensou em fumar
Talvez por não se ter lembrado
Quis um dia experimentar
E nesse dia foi «topado».

Usa óculos à doutor
E que são muito «matrecos»
E' o mais pequeno do curso
Mas não possui complexos.

Em amor nunca falou
Não sei bem qual a razão
Mas penso que não encontrou
Nenhuma a quem dar a mão.

Oito anos se passaram
Sem nenhum deles ter chumbado
Vai-se embora descontente
Mas com o curso tirado.



Antes de partir desejo-te
Felicidades na tua vida
Não te vás ainda embora
Faz primeiro a despedida.

Esmeraldo Colaço Romana Coutinho

Aluno n.º 127

Rapaz metódico e sabedor
Estuda, sabe e sem confusões
E' ele o maior orientador
De todos os ex-pilões.

Dá-se bem com toda a gente
Mas não sei qual é a tática
Contudo responde presente
Cá estou eu e a «velha máquina».

Procura-se com insucesso
E já depois de correr tudo
Aparece-nos o Coutinho
Eh pá! Estava no estudo.

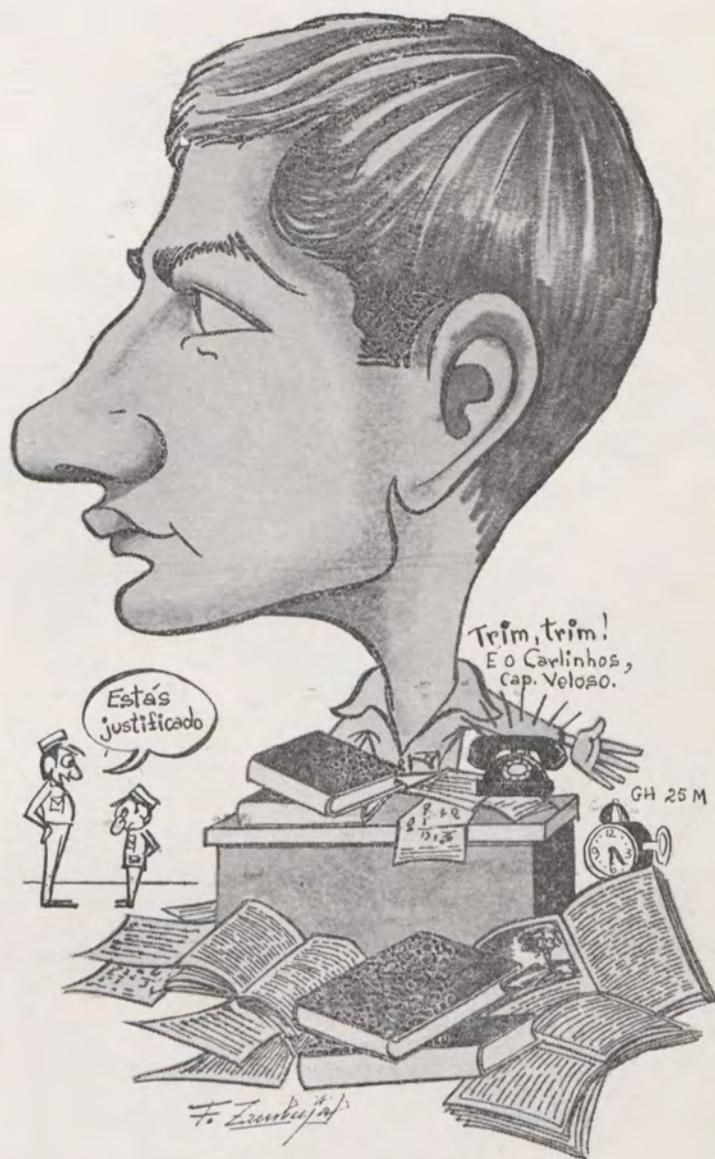
E' um grande desorientado
Tudo lhe faz confusão
O estágio trá-lo arruinado
De tanto pensar em vão.

Apesar de bom rapaz
A sua cara não o mostra
Se um de nós alguma lhe faz
Não perde pela resposta.

Passaste como comandante
Quatro anos na Segunda
Eh pá! Até as paredes
Vão sentir mágoa profunda.

Foste ao Brasil exhibir-te
E muitas coisas contaste
Mas como chefe da «classe»
Mais uma vez falhaste.

Não esqueças estes nove anos
Que comigo acabas de passar
Desejo-te mil venturas
Na nova vida que vais começar.



José Patrício de Deus Alves

Aluno n.º 158

ode
a
aluno

Um dia ao romper do sol
Partiu para uma caçada
Andou e espantou a caça
E no fim não caçou nada.

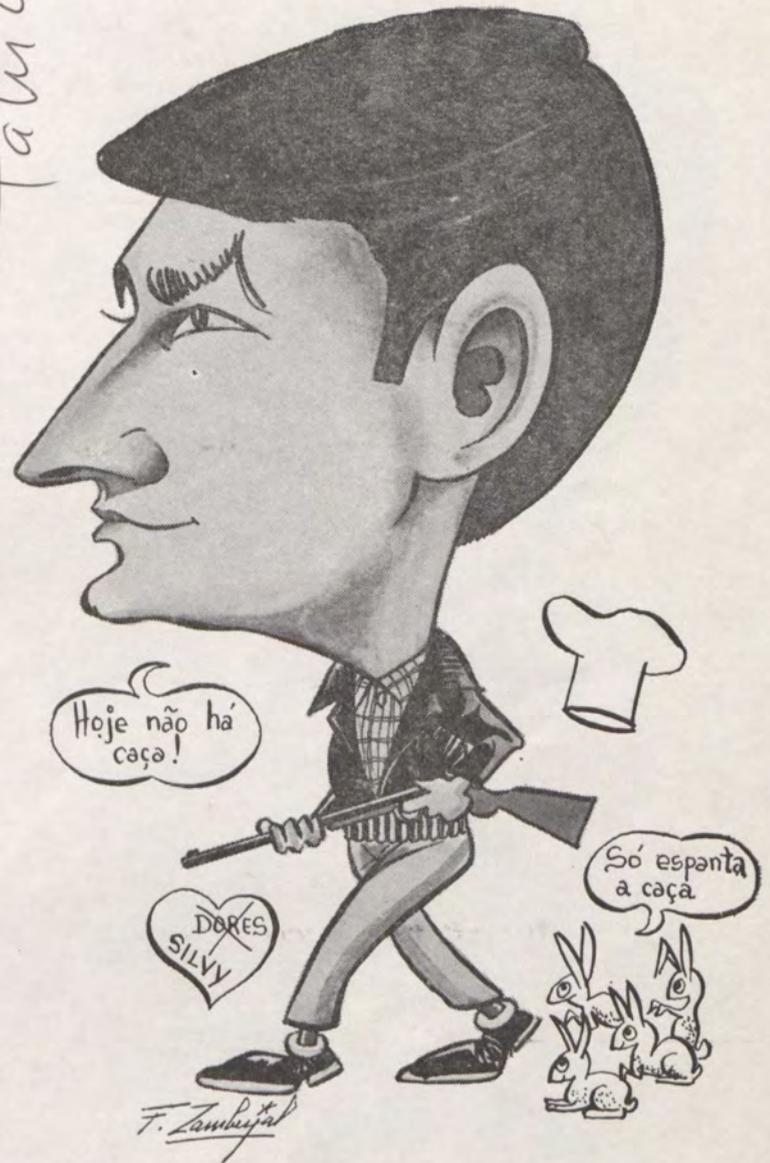
Tem uns olhares matadores
No tiro ao pombo o primeiro
Diz que não come e está gordo
Deve ser sócio do cozinheiro.

O nosso amigo Patrício
Cançonetista de alta craveira
Interpreta várias canções
Do conjunto João Paulo.

Desportista mui afamado
No futebol coisa perdida
Como já nasceu cansado
Joga sempre a ponta esquecida.

Lá por fazer bem o pino
Julga-se já um atleta
Por se armar em superfino
Alcunharam-no de «Pateta».

Gostava de frequentar
A velha Coimbra dos doutores
Fazer serenatas não podia
Pois no coração não há «Dores».



No seu coração viveu
Uma jovem que o amou
De novo «Silvy» apareceu
Porque o destino a mandou.

Como colega e amigo
Só te desejo felicidades
Se algum dia não correr bem
Podes contar comigo... já sabes.

JOSÉ CASTELO CAETANO

Aluno n.º 160

Aqui está um amigo «bacano»
Apresentá-lo não é preciso
José Castelo Caetano
E' ele o rei do sorriso.

Ser médico foi seu sonho
Mas em tal se enganou
O «Cara Alegre» risonho
Na Mecânica ingressou.

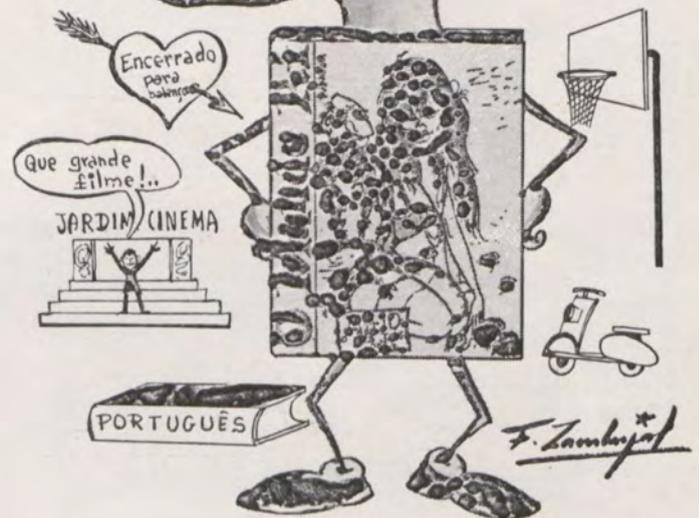
No Jardim já tem cadeira
Este apreciador de cinemas
Dois filmes de «pepineira»
Por quinze tostões apenas.

Um dia foi passear
De lambreta pela cidade
Foi tal a velocidade
Que acabou por se estampar.

No baile de recepção
Chegou, parou, olhou
E a nossa Associação
Num inferno se tornou.

E essa da ponte que tem?
Foi uma «barracada» que deste
E não ofende ninguém.

A nossa crítica acabámos
E se felizes não fomos
Foi porque Camões não copiámos
E de mais, capazes não somos.



Despede-se com amizade
A malta cá das limalhas
Um abraço de saudade
Do Aguincha, Pira, Freitas e Talhas.

Estagiários C. T. V. A. R. L. T.

MANUEL JOÃO MOURATO TALHINHAS

Aluno n.º 169

Com um diaço deste teu amigo

169

Ele andava tão certinho
Quando o Gomes o deixou
Agora ninguém lhe pega
Anda por aí zig zag zig zag.

Alto, magro, esticadinho
Formado de ossos e espinhas
Aqui está p'ra julgamento
O nosso amigo Talhinhas.

Apesar de ter chumbado
Duas vezes no Pilão
Tem o seu curso tirado
E a alegria no coração.

Era bom na bola ao cesto
Dava uns toques no voleibol
Era médio como ginasta
Mas nulo no futebol.

Com a mania que é boneco
Tem muitas no seu cartel
Ameaçou um banco ao «Chapatreco»
E foi parar ao «Hotel».

Por três vezes se livrou
Não sei como o conseguiu
Foi talvez com chá de tilia
Pois um susto ele apanhou
Só de pensar que o castigo
Dava p'ra uma casa de família.



Uma vez na Trafaria
O Artur e o Talhinhas
Transportaram a uma mulherzinha
Uma gaiola de galinhas.

Como aconteceu não sei
O que agora vou contar
Jogou dois anos basquetebol
Sem um jogo sequer ganhar.

Gonçalo Marques de Castro Coelho

Aluno n.º 193

Apostecendo como "pseudo-erudito" toda a colaboração
prestada, renovo os meus protestos de amizade

O Sempre amigo
Gonçalo
1913/57

E' o primeiro curso de máquinas
Desta nova era do Instituto
Teve com qualidades fantásticas
Gonçalo como chefe absoluto.

Conheço-o muito bem
E sei que não leva a mal
Se lhe disser que possui
Uma cabeça sem igual.

As suas mãos delicadas
Jamais foram de escritor
São um pouco exageradas
E um pouco ainda é favor.

Há coisas que não se percebem
Quando tu passas na rua
Levas duas pastas pretas
Afinal... qual é a tua?

Quem diria caro Gonçalo
Que havia de ser no Pilão
Que tinhas de encontrar
Para o amor a solução.

Em face dela portanto
Encara optimista a realidade
Pois um namoro bem conduzido
E' o caminho para a felicidade.



Em nome de cada finalista
Deseja aos Pilões o *absoluto*
Que nunca percam de vista
As glórias do INSTITUTO.

Entre as *contas* e a *velha máquina*
Existe forte rivalidade
Mas isso nunca impediu
Que houvesse grande amizade.

Manuel Eduardo Moura Pequeno

Aluno n.º 212

M. Pequeno

Oito anos demorou
Sua vida no Pilão
Mas para eterno lamento
Todo o tempo que passou
Não lhe serviu de lição
E ele sai de cá sargento.

Apareceu no Instituto
Com o físico esticadinho
Apesar de não ter asas
Alcunharam-no de *anjinho*.

E' o mais atrofiado?
Da classe de sargentos
Pratica o xadrez e o dominó
Que são desportos violentos.

Também não é tanto assim
Como vocês possam supor
E' um bom técnico de rádio
Isto mesmo sem favor.

Tem jeito para imitador
E fá-lo com distinção
Imitou um seu professor
Quando dava uma lição.

No futebol é um *abrolho*
Nem merece ser criticado
Mesmo a jogar no ferrolho
Chuta para onde está virado.



Revelou-se com sensação
Um tenor mui afamado
No festival da canção
Com o *Pardal* no fado.

E pronto amigo Eduardo
Não sei que mais dizer
Uma esperança ainda guardo
De nos tornarmos a ver.

RUI TEIXEIRA FREITAS

Aluno n.º 240

Rapaz alto e pacato
Muito sério e sensato
Mas às vezes fanfarrão
Por isso a malta dizia
Que o nosso amigo parecia
Um poste de alta tensão.

*Rui Teixeira
240/57*

Na camarata do Freitas
Não podia ninguém rressonar
Senão era dito e feito
Levantava-se para espiar.

Campeão de salto em altura
Já se vê é grandalhão
Na Terceira fez figura
A comandar um pelotão.

No campo sentimental
Continua como dantes
Mas a coisa esteve mal
Lá pelos lados de Abrantes.

Quando pensa na saída
Mesmo junto ao nosso ringue
Diz-se ao Freitas: Onde vais?
E ele responde: «Wandering».

Amigo do bem parecer
No vestir e no calçar
Deve ser o amigo Freitas
Muito mau de aturar.

Bom jogador de ping-pong
Um dos melhores do nosso rol
Mas a sua coroa de glória
Era e é o basquetebol.



O depoimento está feito
Foi dito com a mão no peito
Apontando o coração
E digo-te amigo Freitas
Honras te sejam feitas
Foste para mim quase um irmão.

JOÃO DE SOUSA ROSA

Aluno n.º 258

Sejamos imparciais
E dêmos o seu a seu dono
Por isso rendamos homenagem
A D. João que é o Patrono.

Quando o segundo ao vir
Era «aviação» ou peixe espada
Via-se o cozinheiro sair
Frito ou de caldeirada.

Nas suas muitas discussões
Fala alto e diz-se recto
Mas se o fazem afinar
Passeia logo pelo tecto.

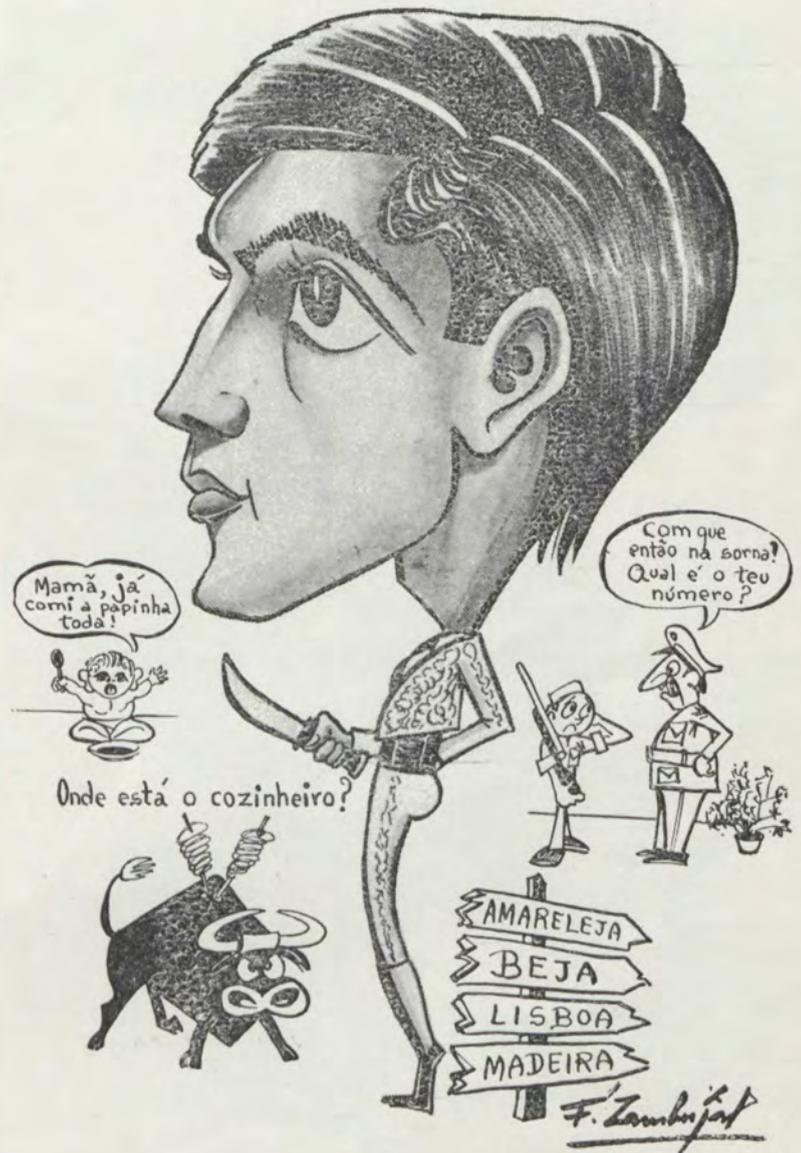
Nas garraíadas que fez
Onde a confusão é tanta
Viu-se uma vez em... forçado
Nos prospectos lá da «chanta».

Jogou três anos futebol
O Estádio Nacional era o cenário
Sagrou-se no Instituto
Um defesa extraordinário.

Do hóquei foi nomeado
Este ano director
Mas o ringue ainda está
Nesta altura por compor.

Dos seus amores nada sei
Nem disso fui informado
Pois em matéria de amor
Ele é muito reservado.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
Para qualquer finalista
Adeus Rosa desbotada
Abraça-te um camarada
Que te diz até à vista.



NELSON DE AZEVEDO FERNANDES

Aluno n.º 326

De seu me e o seu luitain
Vistosa surge a Armada
Foco o navio almirante
Nelson, seu comandante
Vencedor fez a entrada.

Foram dez anos de luta
Vêde pelo rubor das faces
Quão dura foi a labuta
Até à obtenção das pazes.

Desde Chaves a Lisboa
Da *chanta* à consagração
Aquele grito ainda soa
Embora, embora Pilão

Amigo das miudagens
Cunhas e fanfarronadas
Longas e curtas metragens
Um tropel de cowboyadas.

Eis o *Cheeks* das filmaças
Do futebol tricampeão
Das contas homem das massas
Óscar *esquemas* do Batalhão.

E à frente da Terceira
Foi comandante seguro
Diz nem tudo ser brincadeira
E que é por vezes duro.

Não falo, não interessa
Nem sei se alguma é tida
Partenaire de longa peça
No palco da sua vida.



Da Química ao carbono
Adiante pois passamos
Arre Macho Furo Abono
Afinal em que ficamos?
Decidiste?
Embora amizade; vamos!

José Francisco Bicho Pardal

Aluno n.º 329

Lá dos lados de Setúbal
Veio o Pardal na brasa
Em direcção ao Pilão
Com dois chumbos numa asa.

Eis que chega agora a vez
Das tuas farras contar
Vamos lá devagarinho
Pela primeira começar.

A uma árvore subiu
E nas peras tinha pensado
O resto da malta fugiu
E só o Pardal foi caçado.

Certo dia o estagiário
Enquanto a rede trepava
Olhou para trás e «topou»
Que alguém o espiava.

Nas farras do Carnaval
Que a malta por vezes tinha
O Pardal era o melhor
Pelos êxitos que obtinha.

Para a «especial» entrou
Mas teve bastante azar
A efectivo não chegou
Andando sempre a viajar.

Estudante muito aplicado
A sua meta atingiu
Sem nunca ter chumbado
Em finalista se viu.



Vão sendo horas d'abalar
Vais tomar outra carreira
Com saudades se despedem
O Palma e o Ferreira.

Edgar Jorge Pinto Nunes Faria

Aluno n° 332

Com a alcunha de *Lua*
Entrou o Faria de rompante
Em pouco tempo passou
De *Lua Cheia* a *Minguante*.

Depois de um ano ter chumbado
Viu que tinha de vencer
Demonstrou mais uma vez
O nosso *Querer é Poder*.

E' um rapaz bem formado
Físico de meia estatura
Para fazer a continência
Leva a mão a meia altura.

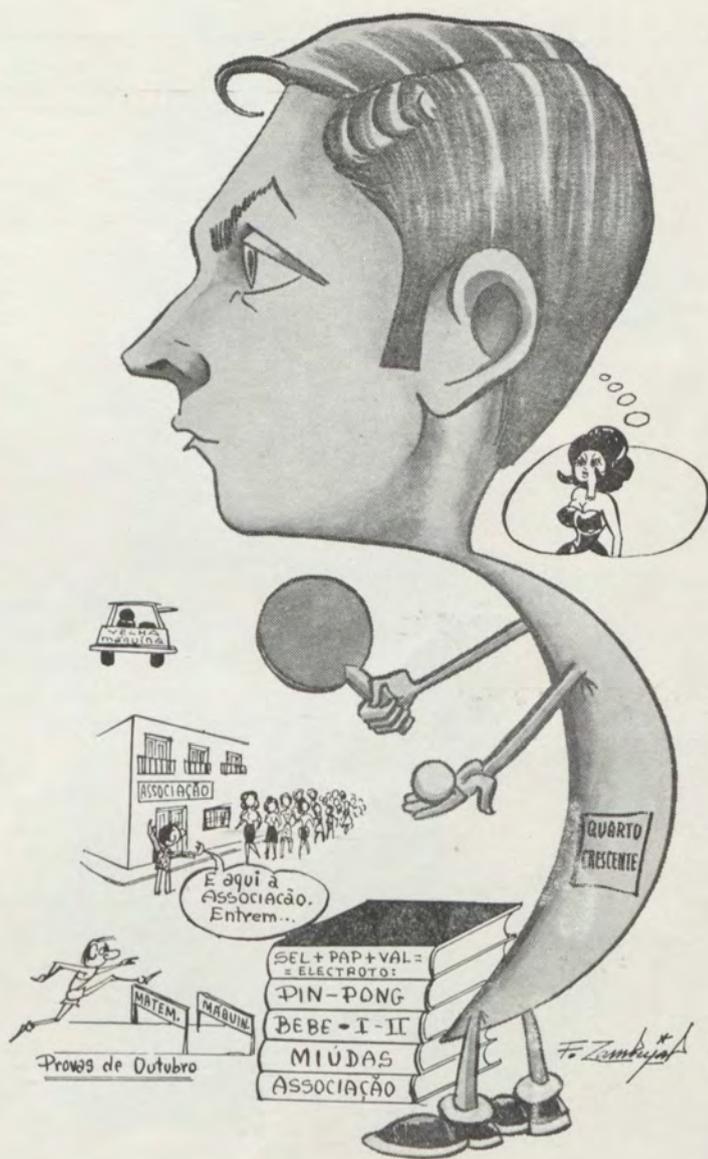
No ping-pong é um mestre
Este rapaz já de idade
Foi cinco vezes seguidas
Campeão da Mocidade.

Com umas botas características
Eutrou uma vez no Pilão
E a malta gozou, gozou
Com as solas de ceilão.

E' um grande conquistador
Não há quem diga que não
Dos esquemas é orientador
Para os bailes da Associação.

Dez anos que cá passou
Três foram em graduado
E' bastante bom rapaz
Por todos muito estimado.

Acabaste o teu curso
Agora vais abalar
Leva um abraço da malta
Que sempre te há-de lembrar.



Nelson — 326
Palma — 111
Ferreira — 63

CARLOS MANUEL BARBOSA

Aluno n.º 382

Carlos Manuel Barbosa

Todos conhecem o *Rebello*
Aquele do teatro trágico
O que não corta o cabelo
E que lhe chamam o *Mágico*.

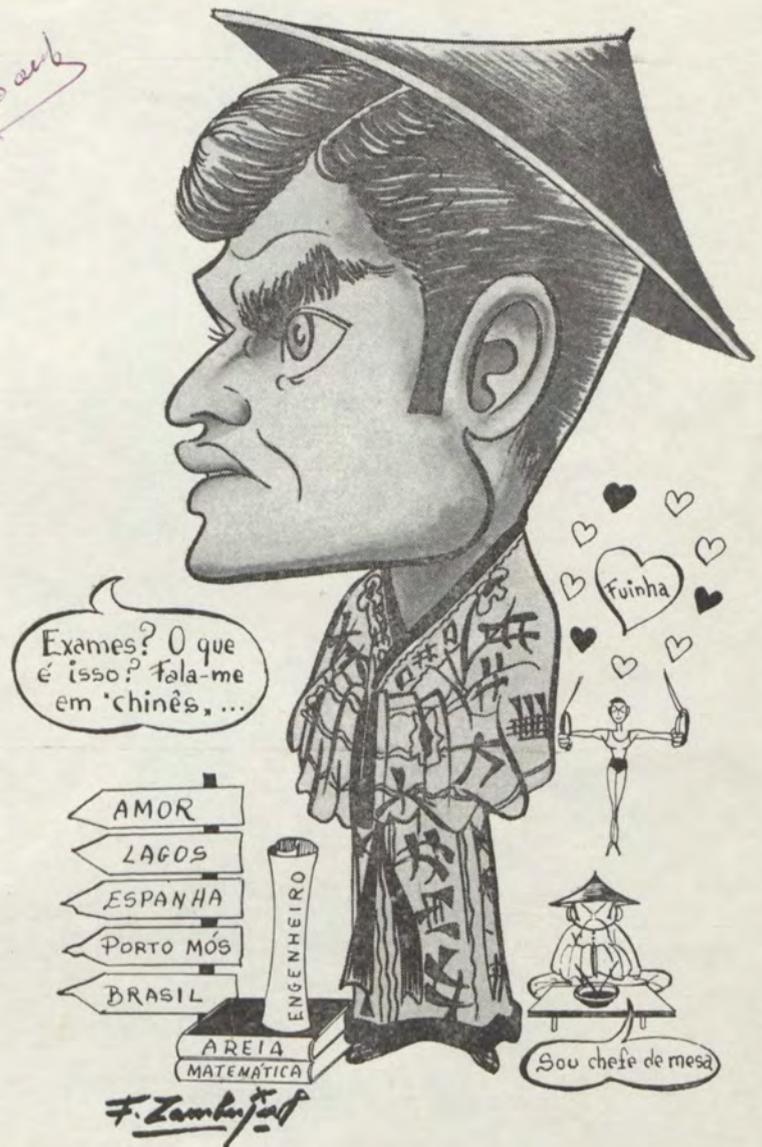
Com o pensamento nas férias
Sòmente o que tem na ideia
Passa-as alegre e divertido
Andando sempre à *boleia*.

Apesar de apaixonado
Por uma tal Encarnação
No estudo ainda continua
A mostrar dedicação.

Em Benguela quer o estágio
Este carioca alegre
Tá-se mesmo a ver não tá-se
Que é nas praias do *Algérve*.

Parece um autêntico *Gungster*
Quando se veste à paisana
E' o nosso Boletim Meteorológico
Durante toda a semana.

Chinês de pé pequenino
Como manda a tradição
Grande amigo do *Rabino*
Para *esquemas* do Pilão.



Apesar do seu grande físico
Ele é contudo pacato
Só quer Férias Férias Férias
Está bem pá! Leva lá o pato.

Maus bocados cá passou
Que um dia vai recordar
Agora na despedida
Tem saudades e vai chorar.

Carlos Alberto Carvalho de Sousa Assunção

Aluno n.º 408

Rapaz forte e desempenado
Vê-se que é de gente fina
Tem as pernas arqueadas
É a cabeça de barretina.

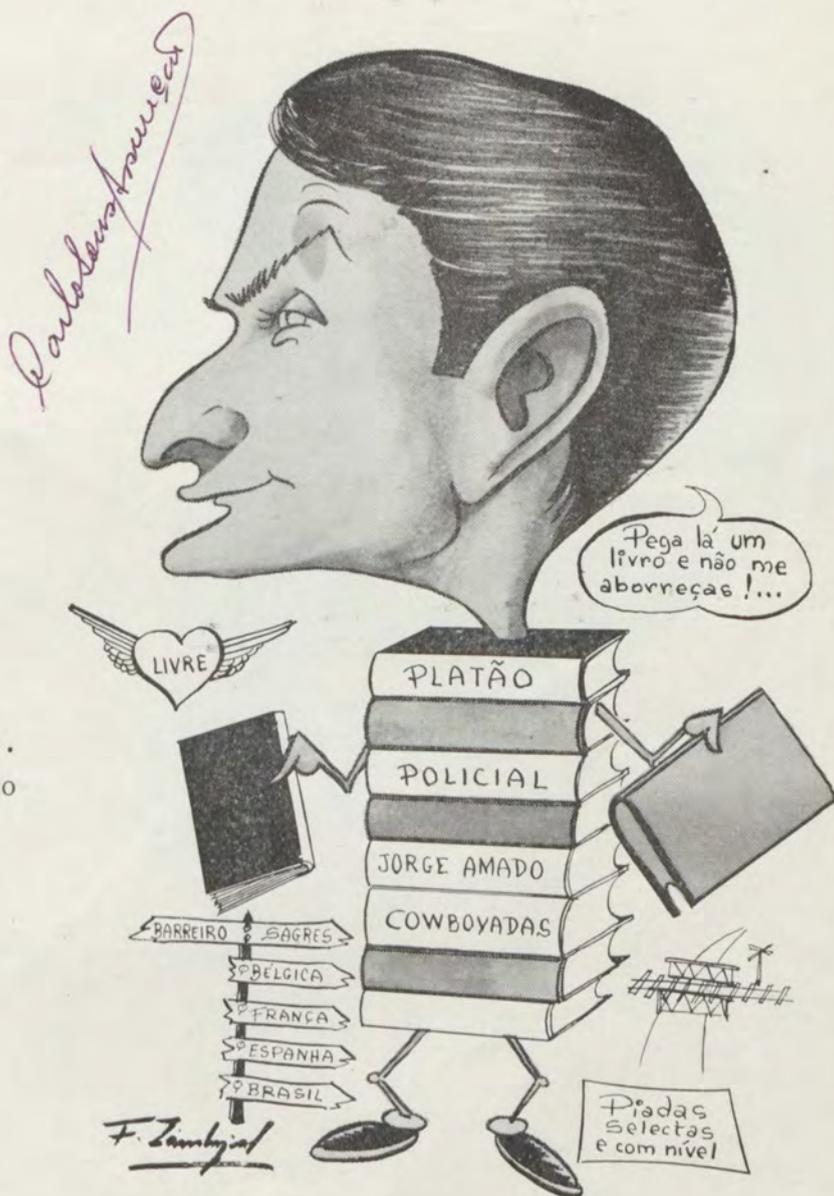
Passa o tempo no Algarve
Mesmo junto ao *promontório*
Apesar dos azares que teve
O resultado é satisfatório.

Nunca mais se esquecerá
Daquela noite de baile
.....
Que com o cartão emprestado
E prevendo um brilharete
Foi afinal apanhado
E ainda pagou bilhete.

Tornou-se no Instituto
Um leitor mui conhecido
Por não haver na biblioteca
Livro que não tenha lido.

Embora não acrediteis
Sou eu próprio que vos digo
Que o *Zé* não é deste mundo
Mas sim do mundo do livro.

Nele se vê muitíssimo bem
Que é pertença da velha guarda
Também não podemos esquecer
Que dez anos vestiu a farda.



Foi bom no atletismo
Em tempos que já lá vão
Agora o *Zé Rabino*
Enveredou pela *podridão*.

Tem de ser chegou a hora
Embora sintas saudades
Desejamos-te pela vida fora
Saúde e felicidades.

Nelson -- 326
Rosa -- 258

ÁLVARO QUIRINO GAMBOA

Aluno n.º 413

Alvaro Quirino Gamboa
41-413

E' o *senhor de Gamboa*
O almirante primeiro
Não chegou aqui à toa
E' da *máquina* pioneiro.

No Pilão se iniciou
Por *D. Fulas o Roupinho*
Mas quando o curso acabou
E' o Gamboa *esse fulaninho*.

Muito pouco ele gostou
Da *triologia maldita*
E um dia amachucou
Uma célebre prova escrita.

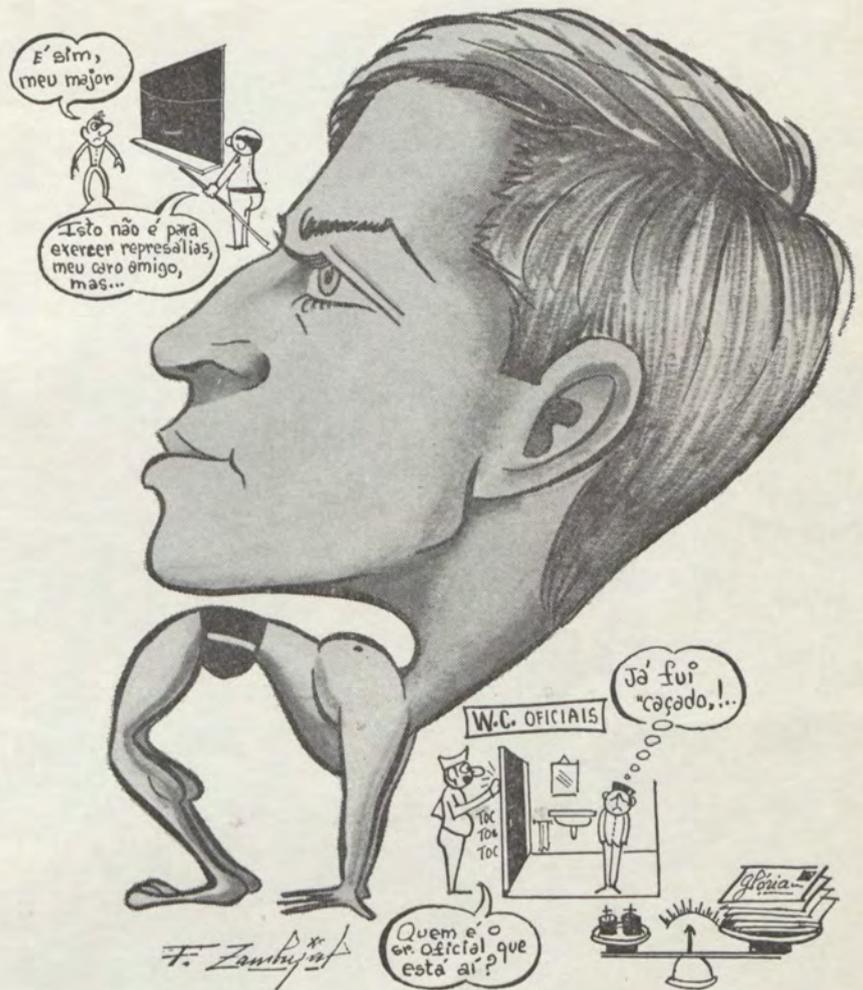
O professor ficou *agreste*
Subiu, subiu até não ver
E tu desceste, desceste
Até da vista desaparecer.

E' um caso das ginásticas
Só do futebol faz *folclore*
Foi dos *insignes* das matemáticas
Sabia os logaritmos de cor.

Metódico e trabalhador
Estudas e sabes sem alaridos
Na vida serás sem favor
Um bom sem ser dos validos.

Eu amo, eles amam, nós amamos
Tu amaste, tu amas, tu amarás
Glória aqui te deixamos
Com ele para o eterno ficarás.

Alegre e assim triunfante
Depois de dez anos vais partir
A *velha máquina* grita avante
E queremos ver-te sorrir.



Ismael Quitéria Augusto

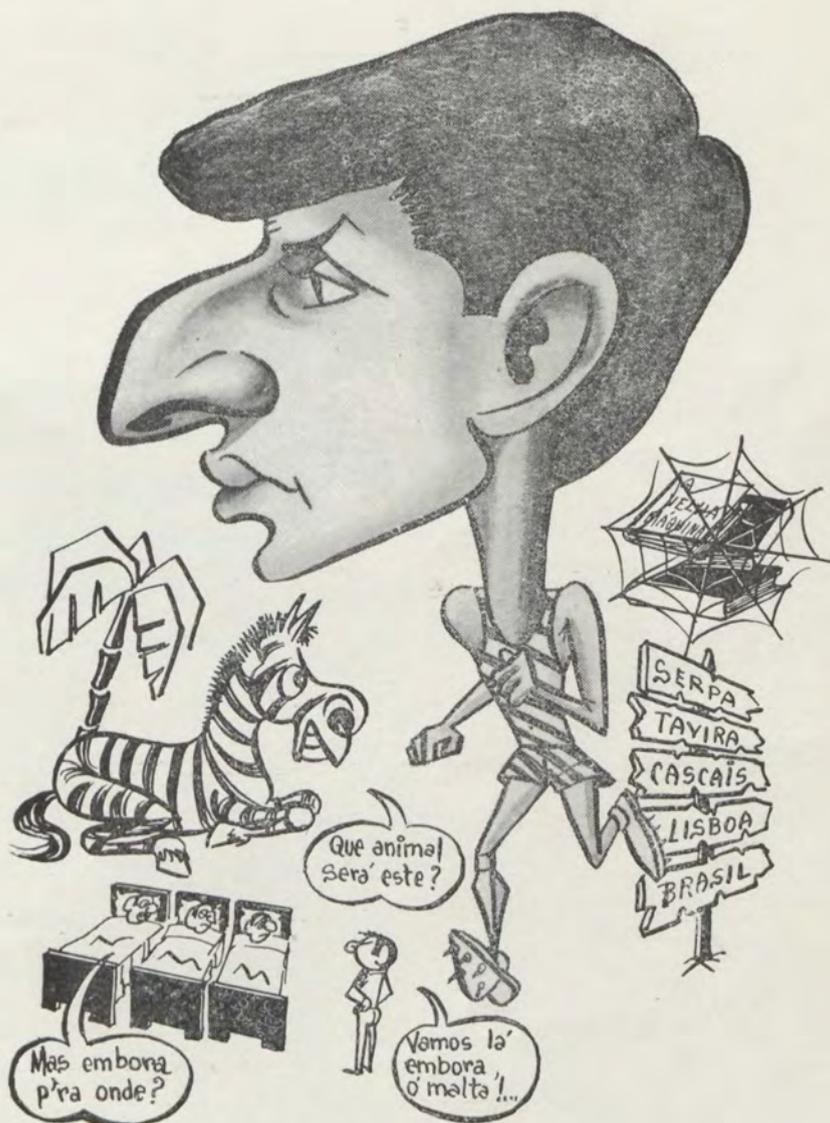
Aluno n.º 424

Ismael Quitéria Augustus
O quarto centurião
Dos mais medalhados bustos
E' «King» sim, com razão.

Difícil genealogia
Romano, árabe ou judeu?
O Alentejo perderia
Se o Algarve o visse seu.

Sedentário e assim instável
Malogrados corações...
Cupido mui vulnerável
Tem nele várias edições.

Mas um dia o vimos só
Já da «Costa» afastado
Surgiu na rota o Jacob
E o «Mael» foi afundado.



Nem só no amor triunfou
Nos nove anos de Pilão
O Brasil o consagrou
Um craque... um campeão!

Já que a manhã vai alta
E antes que o oficial ronde
«Vamos lá embora malta»
«Mas vamos embora p'ra onde?»

Perante as batidas manhãs
Não esqueças teu papel
E «nunca em casas estranhas
Comas algo ó Ismael».

A «velha máquina» já
A fumar vai sair
Contigo estaremos lá
Os sete a tentar sorrir.

DESPEDIDA

Com a partida a noite cai
Tudo triste e na saudade
Leva a geração que sai
(Oh folguedos, oh mocidade!)
O sorrir da bela idade
E os teus conselhos, bom pai.

E a chama por ti sempre acesa em nós
Retenha-a Deus, como tu avós
Conversando então
Sobre aquela revivida saudade,
Vendo-nos, sorrirá a eternidade!
— «Eles e o Pilão»!...

FINALISTAS DE 1966

